

GESTOS, FORMAÇÃO E GESTÃO EDITORIAL DA RIAE: EXPERIÊNCIA PERSPECTIVADA PELAS BOLSISTAS DE EXTENSÃO DO PERIÓDICO

GESTURES, TRAINING AND EDITORIAL MANAGEMENT OF RIAE: EXPERIENCE FROM THE PERSPECTIVE OF THE JOURNAL'S EXTENSION SCHOLARSHIP HOLDERS

<https://orcid.org/0000-0002-3746-3637>  Maria Antônia Pereira Lanzoni ^A

<https://orcid.org/0009-0009-4693-4910>  Julia de Aguiar Dantas Henrique ^B

<https://orcid.org/0000-0002-7563-4951>  Ana Carolina Rocha da Silva ^C

^A Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), São Gonçalo, RJ, Brasil

^B Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), São Gonçalo, RJ, Brasil

^C Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), São Gonçalo, RJ, Brasil

Recebido em: 25 ago. 2025 | Aceito em: 08 out. 2025

Correspondência: juliaaguiar.uerj@gmail.com

Resumo

Este relato de experiência entrelaça as trajetórias de três bolsistas de extensão da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), em um fio que percorre a gestão editorial da Revista Interinstitucional Artes de Educar (RIAE). Mais do que um periódico de grande relevância na difusão do conhecimento nas artes de educar, a RIAE também é um território de formação, onde cada uma de nós, em momentos distintos, compartilhamos desafios e aprendizados que evidenciam a complexidade do processo editorial e a importância do trabalho coletivo na manutenção da revista. Cada uma de nós viveu essa experiência a partir de perspectivas únicas, contribuindo de diferentes formas para a organização e continuidade do periódico. Ocupamos esse espaço com paixão e entrega, garantindo que a revista continue viva, pulsante, cumprindo sua missão de levar adiante a produção de pesquisadores e professores brasileiros e estrangeiros, propiciando um diálogo entre os diferentes campos e espaços da educação. Ao fazermos pulsar a vida em meio a um periódico científico, o presente relato visa construir com Larrosa (2015) uma outra concepção para pensarmos a experiência. Este relato é, portanto, um testemunho do que significa fazer parte desse ciclo: aprender, contribuir e, acima de tudo, preservar um espaço essencial para o pensamento e a criação.

Palavras-chave: Experiência; Formação de professores; Revista Eletrônica.

Abstract

This experience report intertwines the trajectories of three extension fellows from the Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), in a thread that runs through the editorial management of the Revista Interinstitucional Artes de Educar (RIAE). More than a highly relevant journal for the dissemination of knowledge in the arts of education, RIAE is also a place of formation, where each of us, at different times, shared challenges and lessons learned that highlight the complexity of the editorial process and the importance of collective work in maintaining the journal. Each of us lived this experience from unique



perspectives, contributing in different ways to the organization and continuity of the journal. We occupy this space with passion and dedication, ensuring that the journal remains alive and vibrant, fulfilling its mission of advancing the production of Brazilian and international researchers and professors, fostering a dialogue between the different fields and spaces of education. By bringing life to a scientific journal, this report aims to build, with Larrosa (2015), a different conception of the experience. This account is, therefore, a testament to what it means to be part of this cycle: to learn, to contribute, and, above all, to preserve an essential space for thought and creation.

Keywords: Experience; Teacher training; Electronic Journal.

Introdução

Este texto apresenta uma experiência formativa vivida por bolsistas de extensão vinculadas à Revista Interinstitucional Artes de Educar, no período de 2022 a 2025. Ancoradas no sentido de experiência proposto por Larrosa, buscamos "fazer ver e fazer falar" o movimento de formação que se deu no cotidiano editorial da revista, evidenciando como o fazer extensionista também produz saberes e sujeitos.

Por esta ser uma revista constituída por 3 diferentes Programas da Pós-graduação em Educação, sendo eles a Universidade do Estado do Rio de Janeiro/Faculdade de Formação de Professores (UERJ/FFP); a Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ/IM-IE) e a Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO), a participação ao longo do período da graduação permite um plural de vivências enriquecedoras e formativas, principalmente para aqueles que visam a formação continuada.

A bolsa de extensão, concedida pela Pró-Reitoria de Extensão (PR3) da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), é o ponto de partida para esse percurso. Embora a revista seja interinstitucional, apenas a UERJ possui vínculo direto com bolsas de extensão.

Somos três bolsistas e ex-bolsistas da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), no Campus da FFP, de períodos e cursos distintos, o que enriquece ainda mais a tessitura desta narrativa coletiva. Maria Antônia, do curso de Ciências Biológicas, iniciou sua atuação na revista no 1º período e atualmente está cursando o 9º período. Julia, estudante de Pedagogia, ingressou na bolsa quando estava no 3º período e hoje cursa o 6º período. Ana Carolina, também de Pedagogia, iniciou sua participação no 7º período e atualmente encontra-se no 8º período. Nossas diferentes trajetórias compõem um mosaico de experiências que, mesmo singulares, convergem no fazer editorial compartilhado.

Narramos aqui uma experiência editorial perspectivada, que compreende a formação não apenas como aprendizagem de tarefas, mas como atravessamento, implicações, sentidos e responsabilidades. Por isso, escolhemos dividir o texto em três momentos: o primeiro, de caráter mais conceitual, aborda a revista e o conceito de experiência vivido neste espaço; o segundo se dedica à função da bolsista de extensão e às práticas cotidianas que atravessam esse lugar; e o terceiro momento amplia o olhar para além do tempo da bolsa, trazendo a trajetória de uma ex-bolsista que, mesmo após o encerramento do edital, permanece atuando

com o trabalho editorial da revista, evidenciando a potência de continuidade e pertencimento que essa experiência produz em formar jovens editores de periódicos.

Experiência formativa

O seguinte trabalho tem como objetivo apresentar um relato de experiência que entrelaça as trajetórias da ex-bolsista Maria Antônia e das bolsistas Julia e Ana Carolina, em um fio que percorre os bastidores da Revista Interinstitucional Artes de Educar (RIAE), periódico de publicação científica on-line que busca viabilizar produções acadêmicas, fazendo ver e falar diferentes maneiras de se fazer e pensar educação. Desse modo, ocupar uma bolsa de extensão em uma revista como a RIAE, é ocupar um espaço privilegiado de efeitos e ressonâncias que potencializam diretamente a formação de professores de três graduandas e, de certa maneira, a própria vida, que se vê tão transformada, afetada e potente quanto. Ao fazermos pulsar a vida em meio aos afazeres dentro de um periódico, buscamos pensar a “experiência” de um outro lugar, perspectivada por Larrosa (2015), se inventa (DIAS, 2015) um relato de experiência.

Ao falarmos de experiência, nosso imaginário nos leva a um lugar cheio de expectativas. Qual? Quando? Como? Onde? Em um processo que funciona de maneira automatizada, ao adentrarmos um relato de experiência, comumente esperamos e nos vemos diante de todos seus detalhes técnicos. Presume-se então que neste trabalho iremos discutir toda a processualidade de atuar em um periódico. E, inegavelmente, surgirão momentos habitados pela processualidade, pelo que se passou. Não podemos negar aquilo que há. Todavia, munidas por um modo inventivo de tecer práticas e análises, escolhemos o caminho reverso e a experiência de três bolsistas é tomada por afeto. O corpo que habita a experiência é aquele que, entregue e atento ao momento, se faz vulnerável - em uma escolha por atuar por outros modos, vê a si mesmo sem escolhas, tomado não pelo que acontece mas por aquilo que nos acontece (LARROSA, 2015).

Em um mundo que está constantemente capturado pela incessante chegada de novas informações, e pelo atropelamento causado pelo avanço das tecnologias que, cada dia mais, aprisiona nosso tempo, atenção e subjetividade, a experiência habita no ato de demorar-se no momento presente, exige uma tomada de decisões que transparece no corpo: ao ato que nos calamos, ao nos colocarmos vulneráveis àquela experiência, abertos para escutar, observar,

pensar e tudo que nos faça sair do automatismo acelerado (LARROSA, 2015). Ao revisitarmos nossa experiência em meio a RIAE, estamos diante de um modo outro de ocupar um periódico e uma bolsa de extensão.

Como citado acima, tais tomadas de decisões exigem igualmente outros modos de atuação. Estes se traduzem no presente texto pelos efeitos de uma formação inventiva de professores (DIAS, 2015) ao tecermos análises e habitar-mos um espaço, nesse caso uma experiência, nos permitindo fortalecer a maneira com a qual escolhemos construir nosso relato.

Resistimos para talvez inventar outras maneiras de fazer coletivas que desindividualizam e operam por vibração, abertura, contágio e apostam na diferença (Dias, 2015, p. 195 apud Dias, 2011).

Ora, se a inventividade parte de uma abertura e um contágio, podemos potencializar a nossa compreensão da experiência como sendo também esse instante de abertura, ao que nos colocamos receptivos ao acontecimento, e de contágio ao sermos atravessados por ele e nos tornamos parte daquilo que acontece conosco. E, com tais modos, afirmamos uma atitude que se faz também um modo de vida.

Diante disso, visto que partimos de um lugar onde a experiência é aquilo que nos atravessa (LARROSA, 2015), uma mesma experiência, quando vivida por três diferentes pessoas, resultaria em três diferentes implicações. “O acontecimento é comum, mas a experiência é para cada qual sua, singular e de alguma maneira impossível de ser repetida.” (LARROSA, 2015, p. 32). É a sorte de um trabalho coletivo que, para além dos encontros e trocas, nos dá a possibilidade de, em um único texto, termos diferentes mãos construindo-o, entre mundos que se divergem e por fim se encontram, em uma rede de afetos e atravessamentos. O relato de experiência em tela é, a cada linha e parágrafo, pensado coletivamente, a fim de potencializar e afirmar aqui uma aposta aos encontros, às relações tecidas com o próximo, gestos estes que reafirmam o valor das trocas com o outro em meio ao trabalho e, certamente, a vida.

Por tratarmos de um relato de experiência em meio a uma revista científica, em muito fomos atravessadas pelas *técnicas*, estas que envolvem processos editoriais, questões ligadas à tecnologia e toda a burocracia e prática que demanda um olhar minucioso e detalhado, entretanto e de antemão, elucidamos aqui que, a experiência que habitamos não se traduz nessas técnicas, estas se dissociam, visto que, ao nos colocarmos como sujeitos vulneráveis aos acontecimentos, tratamos de “não fazer da experiência uma coisa, de não objetivá-la, de

não coisificá-la [...] ou produzi-la tecnicamente” (LARROSA, 2015, p. 41). Buscamos falar do que experimentamos em meio a RIAE para além de nossas práticas, pensando aquilo que foi sentido por nós e incorporado em nossa formação por causa delas.

Para além de pensar como a experiência, quando sentida pela óptica da inventividade, consegue potencializar a formação de professores de três graduandas, visamos viabilizar ainda, diante das diferentes perspectivas que aqui se expressam, que enquanto bolsistas de extensão da RIAE, a formação se amplia e, não somente em seu caráter extensionista do trabalho da universidade – de ensino, pesquisa e extensão – mas especificamente ao nos proporcionar uma formação inicial de gestão editorial.

O contato com dinâmicas, eventos e pesquisas, como nos encontros e organização do Congresso Nacional de Editores de Periódicos de Educação (CONEPed) evento promovido pelo Fórum de Editores de Periódicos da Área de Educação (Fepae) ou como no evento de celebração dos 10 anos da Revista Interinstitucional Artes de Educar, prestigiado por diversos autores que já estão inseridos na pós-graduação e até mesmo de outros países, nos permite a oportunidade de um contato que, enquanto inseridas em uma bolsa de extensão ofertada pela UERJ dentro de um periódico, estamos diante de experiências que usualmente não fazem parte da formação de muitos graduandos. Experimentar cada instante em meio a RIAE amplia e potencializa nossa formação, e nos põem como aposta as possibilidades formativas que mais bolsas em mais periódicos como a RIAE podem ter em meio a graduação. Principalmente, e isso também se expressa como uma aposta, revistas que, assim como a RIAE, em suas publicações possuem diferentes análises e pesquisas no campo da educação que partem de metodologias que fogem do dito “comum”, daquilo que, por assim dizer, já está posto e enraizado, e como que esse contato com aquilo que se difere também nos possibilita uma outra formação.

Portanto, não de maneira a objetificar a experiência, mas sim diante das possibilidades de afetos que podem surgir com ela, seja em formação ou em vida, nossa participação como bolsistas de extensão busca exprimir parte dessas afetações, visto que podemos ler

[...] outro componente fundamental da experiência: sua capacidade de formação ou de transformação. É experiência aquilo que “nos passa”, ou que nos toca, ou que nos acontece, e ao nos passar nos forma e nos transforma. Somente o sujeito da experiência está, portanto, aberto à sua própria transformação. (LARROSA, 2015, p. 28)

Ao passo que nosso caminhar em meio a RIAE atravessa os saberes de diferentes referenciais, como Michel Foucault, Gilles Deleuze, René Lourau e entre muitos outros, novas possibilidades ganham força. A potência da oportunidade de estar diante de tantos

trabalhos atravessados pelas experiências de seus autores, que igualmente são potencializados pelos saberes de outros pensadores, têm efeito em nós ainda no processo editorial, em uma teia de entrelaços que cumpre o seu papel de comunicar, afetar e desdobrar. É também por nos implicar pelos textos que nos afetam e pelo comprometimento com a continuidade de tais desdobramentos que a nossa experiência encontra morada nos saberes de Larrosa e introduz estes relatos por sua ótica.

Ainda devido ao contato com estes potentes referenciais, é que igualmente podemos tecer nossas práticas para além da instrumentalização do fazer de um bolsista de extensão. Atuar pela inventividade requer responsabilidade para com a nossa práxis. Escolher habitar um modo outro de tessitura exige de nós estudo e comprometimento – e estes são feitos em uma rede de coletividade, visto que o saber do outro igualmente nos engrandece e assim crescemos juntos. É nos equipando de conhecimento que movimentamos parte do processo editorial da RIAE. Em cada parte do que sabemos, tem o olhar, o saber e a confiança do outro. Em meio às organizações dos dossiês a serem publicados ou até mesmo aos levantamentos dos artigos recebidos pela Revista, só foi possível a elaboração de cada detalhe devido a parceria construída através da sensibilidade do conhecimento passado uns para os outros. Estes são atravessamentos da nossa trajetória em meio a RIAE que potencializam a nossa formação e ressoa para outros campos.

É a vivência em meio a RIAE que nos faz buscar uma maneira outra de pensar, ver e falar experiência e é nessa busca que nosso relato se encontra. Em nossas ressonâncias seguimos atuando por modos mais coletivos, inventivos e mais abertos aos afetos do nosso caminhar, comprometidas com o nosso fazer e com a maneira com que fazemos.

Experiência editorial

Algumas de nós, quando entramos para a Revista Interinstitucional Artes de Educar (RIAE), ainda estávamos no começo da graduação. Era tudo muito novo para nós. Já tínhamos alguma experiência com conteúdos digitais, redes sociais, ferramentas básicas de edição e organização, mas, ao chegarmos à revista, percebemos rapidamente que ali se tratava de outro tipo de envolvimento. Não era apenas saber mexer em plataformas, mas compreender o que sustenta um periódico científico, quais são os cuidados, as responsabilidades e as escolhas que fazem uma revista permanecer viva.

Foi difícil no começo. Os processos editoriais pareciam distantes da nossa realidade. Havia termos técnicos, fluxos que precisavam ser seguidos com atenção e uma lógica própria que ainda não conhecíamos. Mas, como propõe Larrosa (2015), a experiência não é algo que se domina ou se entende logo de início, ela não se reduz a um conhecimento pronto ou a um saber técnico. A experiência, segundo ele, é aquilo que nos atravessa, que nos transforma, que nos toca de maneira singular.

Na RIAE, aprendemos o que significa fazer parte de um processo editorial de verdade. Fomos compreendendo, aos poucos, cada uma das etapas: o recebimento dos artigos, a filtragem inicial com base nas diretrizes da revista, o cuidado com a leitura atenta para verificar se os textos estavam dentro do escopo, se cumpriam critérios éticos, formais e acadêmicos. Entendemos que paginar não é só organizar visualmente um texto: é dar forma àquilo que será lido por outros, é criar um espaço de leitura que respeite o autor e que facilite a entrada do leitor. Cada detalhe importa: o espaçamento, as margens, a disposição das imagens, a maneira como as referências aparecem.

Mas talvez o que mais tenha nos tocado tenha sido o contato com os autores. Escrever para um autor, sugerir uma correção ou solicitar ajustes não é uma tarefa puramente técnica. É preciso cuidado com as palavras, escuta, empatia. Às vezes, um autor está inseguro ou se sente confuso com as etapas da plataforma. Em outras, tem urgência, expectativa, pressa. Aprendemos a lidar com isso com paciência e respeito, entendendo que nosso papel ali era também o de mediação — entre a revista e quem a alimenta com sua produção intelectual. Nesses momentos, o trabalho deixava de ser apenas uma função e se tornava relação.

E foi na repetição dos processos, na rotina do cuidado, que fomos nos transformando. O que no início era difícil, se tornou prática. Mas uma prática que exigia atenção e presença. Larrosa (2015) destaca que a experiência exige um sujeito capaz de se deixar afetar, de se transformar, de escutar. Isso nos fez pensar que, mesmo diante de tarefas cotidianas, o modo como nos deixamos tocar por elas é o que as torna experiência implicada — e não apenas obrigação.

Cada artigo traz uma nova forma de olhar o mundo, cada edição é um conjunto de vozes que precisam de escuta. E estar nesse espaço nos fez desenvolver uma sensibilidade que não esperávamos encontrar. A RIAE não é apenas uma revista. Ela é também uma escola. Um território de formação onde se aprende a pensar coletivamente, a cuidar da produção de conhecimento, a entender a importância de uma ciência que se faz com ética, beleza e diálogo.

Trabalhar na revista nos ensinou a olhar com mais profundidade para os detalhes, a respeitar o tempo de cada coisa e a valorizar os bastidores da produção acadêmica — aqueles que quase nunca aparecem, mas que sustentam tudo. Hoje, ao olhar para trás, vemos que nossa trajetória na RIAE foi, sim, um desafio. Mas foi, sobretudo, uma travessia.

Entramos sem saber exatamente o que nos esperava, e saímos com marcas que vão muito além do currículo. Levamos conosco uma experiência — no sentido que Larrosa (2015) propõe: um tempo vivido que nos modificou, que nos exigiu entrega e escuta. Um tempo que não foi só para aprender a editar uma revista, mas para compreender que o conhecimento se constrói em rede, em troca, em afeto.

Experiência perspectivada

Era março de 2022, eu estava quase na metade do primeiro período de licenciatura em Ciências Biológicas e não conhecia nada sobre o mundo acadêmico e muito menos sobre os processos de uma revista eletrônica. Eu abri o grupo de calouros de Biologia no *Whatsapp* e uma pessoa mandou uma arte/foto de um processo seletivo para ser bolsista de uma revista eletrônica de educação que estava buscando um aluno de qualquer curso, mas que tivesse um bom manejo com tecnologia. Eu já havia trabalhado com informática e estava iniciando uma graduação concomitante em Jogos Digitais, então, mandei mensagem para o número que estava na arte/foto. Falei com o Mychell, que era aluno do curso de Pedagogia, além de ser bolsista do projeto Oficina de Formação Inventiva de Professores (OFIP), que a professora Rosimeri Dias também coordenava além da revista.

Marquei uma entrevista *on-line*, pois estávamos em época de pandemia e as aulas na UERJ estavam funcionando remotamente. Eu me arrumei, busquei um local mais iluminado e um fone decente para fazer a chamada pelo *Google Meet*, eu realmente levei muito a sério, não sabia que tipo de postura eu deveria ter durante a chamada, mas fiquei tensa, mesmo confiando que eu poderia fazer um bom trabalho. Falei com a professora Rosimeri e a forma que ela falava me tranquilizou, senti que eu não precisava adotar uma postura tão formal durante esta ligação. Ela me perguntou se eu tinha alguma experiência, se eu estava interessada, se eu lia revistas eletrônicas e se eu tinha facilidade com tecnologia e eu fui sincera com ela durante toda essa entrevista, eu não tinha motivos para mentir ou inventar. Foi um pouco estranho para mim, pois como uma aluna da Biologia, eu estava me acostumando com professores rígidos. Mas a professora Rosimeri não era assim e isso foi um dos motivos

que fizeram eu me interessar mais pelo projeto, mesmo que remotamente e nesse contato inicial. Ela gostou de mim e eu dela. Nós resolvemos algumas questões burocráticas e depois marcamos um encontro presencial para que ela pudesse me mostrar o sistema da Revista, agora, não sendo mais “uma revista eletrônica” para mim e sim, a “Revista Interinstitucional Artes de Educar” ou “RIAE”.

Alguns dias depois, nos encontramos presencialmente (ainda usando máscaras de proteção) na sala 305C, localizada na UERJ/FFP. A sala ficava um pouco “escondida” e não era muito grande, mas possuía computadores, um armário cinza cheio de livros, uma mesa com cadeiras, prateleiras, quadros e mais livros. A Rosimeri foi muito receptiva e afetuosa comigo, mesmo ela não me conhecendo tão bem. Ela me mostrou o sistema da Revista e como eu faria o meu trabalho, a saber: os artigos chegam no sistema, é feita a verificação se eles estão de acordo com o *template* da Revista e se os autores se identificam no corpo do texto. Caso haja algo fora das diretrizes, o bolsista entra em contato com os autores e pede para eles consertarem e reenviar o artigo. O próximo passo era designar um editor que fazia parte da equipe da Revista, este, era responsável por designar os avaliadores para o artigo e seguir o processo editorial. Eu achei simples e não tive dificuldade com o processo, tanto que me lembro de nesse mesmo dia, ter designado todos os artigos que estavam pendentes.

Por conseguinte, um tempo depois, fui efetivada na bolsa e me tornei oficialmente uma Bolsista da Revista Interinstitucional Artes de Educar. Mesmo fazendo um bom trabalho, eu não sabia o peso que era isso. Eu não sabia o peso que era participar do processo de movimentação de uma revista acadêmica de educação, o peso de contribuir (mesmo que de forma técnica) para a popularização da produção científica no Brasil e o peso de ser uma aluna de graduação no meio de tantos mestres, doutores e pós-doutores, que não eram apenas os autores, mas a própria equipe da Revista. Entretanto, nada disso me intimidava porque esses mesmos indivíduos com *lattes* enormes, eram compostos de afeto, compreensão e humildade, tornando o trabalho mais suave, coletivo e com muita troca de conhecimento, onde até hoje, aprendo com eles e eles comigo. Por falar em “até hoje”, o que foi feito por mim desde então?

Atuei por dois anos (2022-2024) como bolsista, não tendo renovação porque o regulamento da UERJ não permite. Mas isso não foi problema, já que aproveitei a oportunidade de permanecer desde então trabalhando na RIAE como secretária, respondendo e-mails e auxiliando na organização de eventos, como o IV CONEPed (4º Congresso Nacional de Editores de Periódicos de Educação, 2024) e os 10 Anos da Revista

Interinstitucional Artes de Educar (2025). Além de atuar como uma “superintendente” do sistema eletrônico da Revista (que aliás, acho que faço desde o início), dando orientações e tirando dúvidas dos autores, editores e bolsistas. Participo também do treinamento de novos bolsistas e do acompanhamento das demandas deles.

Por fim, é com muita convicção que digo que a RIAE é, desde 2022, um grande campo de aprendizado para mim que me rendeu muitos frutos, não só academicamente, mas também como pessoa, pois percebo que amadureci muito nos dois âmbitos desde quando entrei para a RIAE. É uma honra e um orgulho muito grande para mim ter feito (e ainda estar fazendo) parte dessa linda história que existe desde 2015, mas que só fui conhecê-la e participar dela sete anos depois, mas que permaneço há três incríveis anos. Espero um dia conseguir minha titulação como mestre e me tornar editora desta Revista que amo tanto.

Considerações Finais

Portanto, este relato não é apenas apresentar a experiência vivida por nós, mas também é buscar “fazer ver e fazer falar” o movimento de formação no cotidiano editorial da revista e como todo esse processo é importante para que sejamos grandes educadoras, pesquisadoras e pessoas. Este relato é um testemunho do que significa fazer parte desse ciclo: aprender, contribuir e, acima de tudo, preservar um espaço essencial para o pensamento e a criação.

Nós ocupamos esse espaço com paixão e entrega, garantindo a continuidade da RIAE e ajudando na missão de levar adiante a produção de pesquisadores e professores brasileiros e estrangeiros, propiciando um diálogo entre os diferentes campos e espaços da educação. Por meio do nosso trabalho carregado de afeto, atenção e cuidado, ajudamos a manter a revista viva e pulsante, contribuindo para a popularização da pesquisa em educação no Brasil.

Deixamos aqui neste artigo também, um agradecimento especial à professora Rosimeri Dias, que nos aceitou de braços abertos e continua nos aceitando todos os dias.

REFERÊNCIAS

DIAS, Rosimeri de Oliveira. Pesquisa-Intervenção e Formação Inventiva de Professores / Intervention-Research and inventive teacher's formation. Revista Polis e Psique, [S. l.], v. 5, n. 2, p. 193–209, 2015. DOI: 10.22456/2238-152X.53949. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/PolisePsique/article/view/53949>. Acesso em: 18 abr. 2025.

_____. Deslocamentos na formação de professores: aprendizagem de adultos, experiência e políticas cognitivas. Rio de Janeiro: Lamparina, 2011.

LARROSA, Jorge. Tremores: escritos sobre experiência. Belo Horizonte: Autêntica, 2015. Coleção: Experiência e Sentido.